

# Panorama

Editor: Igor Natusch  
igor@jornaldocomercio.com.br

MARCIO GARCIA/DIVULGAÇÃO/JC



Espectáculo teatral *Apus apus*, do Grupo Neelic, debate as pressões que incidem sobre a condição feminina na sociedade e será apresentado neste sábado no Olga Reverbel

## ARTES CÊNICAS

# O voo de um pássaro e o ser mulher

Amanda Flora  
amandaf@jcrs.com.br

Um pássaro que quase nunca pousa. Que dorme, se alimenta e até mesmo as necessidades fisiológicas faz em pleno voo, enquanto atravessa continentes. Essa figura se tornou imagem central do novo espetáculo do Núcleo de Experimentação e Expansão da Linguagem Cênica (Neelic), *Apus apus* – nome científico do Andorinhão Preto. A montagem faz uma alegoria com a condição de meninas e mulheres na sociedade, os esforços sistemáticos impostos ao gênero feminino desde a infância e naturalizado na maturidade com as frases “as meninas amadurecem mais cedo” ou “mulheres consegue fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo”.

A peça dá continuidade a uma pesquisa que o Neelic desenvolve há mais de uma década em torno das questões sociais das mulheres. “Não é o único tema do grupo, mas é um tema muito caro para nós”, afirma Desirée Pessoa, diretora da montagem performática. “A primeira peça que montamos a partir dessas questões foi em 2011. De lá para cá, seguimos

investigando porque ainda há muito o que dizer”, conta.

*Apus apus* esta com apresentação prevista para sábado, às 19h, no Teatro Oficina Olga Reverbel (Riachuelo, 1089). Os ingressos custam entre R\$ 60,00 e R\$ 30,00, à venda no site do Teatro São Pedro. Em entrevista ao **Jornal do Comércio**, a diretora da peça contou sobre a pesquisa para a produção do espetáculo.

Com dramaturgia coletiva, a motivação para a criação da peça surgiu da observação das desigualdades que atravessam o cotidiano das mulheres, especialmente no mundo do trabalho. “O que nos incomoda é a quantidade de esforço que uma mulher precisa fazer para chegar no mesmo lugar que um homem. E, muitas vezes, mesmo assim, ela não chega. Isso começa muito cedo e vai se acumulando ao longo da vida”, explica a diretora.

No espetáculo, o andorinhão preto é uma analogia simbólica aos esforços femininos para alcançar um patamar igual ou parecido ao dos homens. A ave *Apus apus* é conhecida por ficar até dez meses do ano em voo contínuo, e a explicação é dramática:

“Ele quase não pousa porque tem pernas muito frágeis. No chão, ele fica vulnerável. O voo não é exatamente liberdade. É uma condição de sobrevivência.” Essa metáfora, segundo ela, dialoga diretamente com a experiência feminina na sociedade contemporânea. “As mulheres estão sempre em movimento, sempre se esforçando, porque parar também pode ser um risco.”

Além dessa analogia, segundo a diretora, a peça traz referências teóricas, como a filósofa Simone de Beauvoir. A célebre frase dita pela escritora feminista, “não se nasce mulher, torna-se mulher”, conversa diretamente com a finalidade da peça, que é, também, mostrar que existem determinados comportamentos impostos ao gênero feminino que os definem na sociedade.

Outro conceito aderido nas pesquisas da equipe foi o de *dream gap* – ou “lacuna dos sonhos” em português –, que aponta como meninas, ainda na infância, começam a desacreditar de suas próprias capacidades, através de uma “autorregulação” comportamental. “Pesquisas mostram que isso acontece entre os cinco e sete

anos”, observa a diretora. “Algumas desistem dos seus sonhos. Outras fazem muito mais esforço para tentar alcançá-los. Somos uma geração de mulheres cansadas, exauridas”, afirma.

Esse cansaço também atravessa o processo criativo. *Apus apus* foi desenvolvida a partir da metodologia do teatro performático, linguagem que o Neelic utiliza e pesquisa desde 2009, combinando improvisação, experimentação corporal, escrita e registros audiovisuais. “A gente cria muito material, experimenta de tudo, até entender o que realmente precisa ficar. Depois vem um trabalho longo de edição, de limpeza, de organização da cena. É um processo que leva meses”, explica Desirée.

Sobre a escolha do elenco, a diretora afirma que os projetos são pensados a partir dos atores do grupo, sem convocação externa. “A gente não pensa primeiro no tema e depois em quem vai fazer. É o contrário. Criamos a partir das pessoas que estão aqui, das histórias e dos corpos que já compõem o grupo”, diz.

A experiência pessoal de Desirée como gestante também

atravessa o trabalho. Grávida de quatro meses, ela pretende seguir trabalhando até que a disposição física acabe. “Estreei grávida e vou seguir trabalhando enquanto for possível. Isso trouxe uma camada muito forte para o trabalho, porque escancara o quanto as mulheres precisam seguir produzindo, mesmo em momentos em que o corpo pede outra coisa”, relata.

*Apus apus* é compartilhado com o público, sem ter uma parede entre o palco e a plateia. O espetáculo só acontece de fato com quem está ali. “Eu estou dirigindo a mim mesma, às minhas colegas e, de certa forma, também me sensibilizando com cada espectador presente”, afirma Desirée.

Para a diretora, quem assiste à peça sai dela com mais perguntas do que respostas sobre a discrepante desigualdade de gênero que vivemos e como sair dela. “Como fazer para que as próximas gerações de mulheres não precisem pagar um preço tão alto para realizar seus desejos? Por que esse preço ainda precisa ser pago com exaustão, com adoecimento, com silenciamento?”, questiona.